



Boletim Conjuntural Semana 43/2026 – 22 de outubro de 2026

HORTICULTURA.....	2
SOJA	3
CAFÉ	3
BOVINOS	4
FRANGOS	5
PERUS	6

A presente edição do Boletim Conjuntural traz um panorama detalhado e atualizado do desempenho das principais cadeias produtivas do agronegócio paranaense, analisando os desdobramentos de mercado, a evolução de preços, o comportamento das exportações e as condições climáticas que influenciam diretamente a condução das lavouras e das criações no estado.

Nesta semana, destaca-se o ritmo consistente das exportações do complexo soja, que alcançaram US\$ 5,76 bilhões em receita no Paraná no acumulado de janeiro a setembro. Paralelamente, aborda-se a retomada dos trabalhos de campo e do plantio da safra de verão paranaense, que após uma desaceleração provocada pelo excesso de chuvas, volta a registrar normalidade com a melhoria das condições meteorológicas.

No mercado do café, analisa-se a retração das cotações recebidas pelos produtores em outubro, os impactos desse movimento na formação de estoques pelas indústrias e o reflexo nos preços ao consumidor final no varejo.

Na horticultura, o boletim apresenta um estudo regional aprofundado sobre o desempenho e a disparidade entre as áreas cultivadas de olerícolas e frutícolas na Região Sudoeste do Paraná, destacando também a importância de eventos técnicos e de difusão de conhecimento, como a realização da 4ª Hortec no município de Dois Vizinhos.

No setor pecuário, são examinadas as variações recentes nas margens de comercialização e nas escalas de abate do boi gordo no mercado atacadista. Por fim, o segmento avícola detalha a evolução dos preços pagos aos produtores de frango, a forte pressão de custos exercida pelos principais insumos de ração (milho e farelo de soja) e, na seção de perus, o desempenho expressivo e o forte salto nas receitas cambiais obtidas pelas exportações brasileiras ao longo de 2026.

Boa leitura!



HORTICULTURA

Eng. Agrônomo Paulo F. de Souza Andrade

A participação do Sudoeste do Paraná - compreendendo os Núcleos Regionais de Dois Vizinhos, Francisco Beltrão e Pato Branco, nomenclatura administrativa da SEAB – na fruticultura e na olericultura apresenta comportamentos inversos quando observamos as superfícies cultivadas e os volumes colhidos. Enquanto os produtos da horta após ligeira queda recuperam os indicadores, nos pomares as reduções são contínuas.

Em 2025 a olericultura na região respondeu por 5,3% da área, 6,2% das colheitas e 4,1% do Valor Bruto da Produção/VBP do setor no Paraná, na fruticultura esta participação foi de 4,5% dos espaços, 3,4% das quantias extraídas e 3,8% da renda bruta.

Das hortas cultivadas em 6,1 mil hectares (ha) foram colhidas 189,8 mil toneladas (t) que corresponderam a um VBP de R\$ 309,6 milhões. (VBP OLERI PR 2025: 115,2 mil ha, 3,1 milhões de t e R\$ 5,7 bilhões)

Nos pomares o rendimento bruto foi de R\$ 163,2 milhões, colhidos de uma área de 2,5 mil ha para uma produção de 50,2

mil t (VBP FRUTI PR 2025: 56,2 mil ha, 1,5 milhão de t e R\$ 4,3 bilhões)

Na Olericultura cultiva-se 39 das 52 hortaliças produzidas comercialmente no estado, com destaque para as Batatas de 1ª e 2ª safras, a Mandioca para o consumo humano e o Tomate, que participam com 55,5% do VBP das colheitas.

Das 37 espécies de frutas cultivadas no estado, 27 são exploradas na região, sendo a Maçã, a Uva para transformação agroindustrial e a Melancia, as principais espécies em densidade econômica, e respondem por 49,8% de toda renda gerada pela atividade naquele rincão.

Visando ampliar a oferta dos produtos da hortifruticultura e alavancar a produção na região, está sendo realizado hoje em Dois Vizinhos a 4ª Hortec, junto ao IX Workshop de Hidroponia e o III seminário de Cooperativismo, promovidos pelo Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná (IDR-PR), a União de Ensino do Sudoeste do Paraná (Unisep) e a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), com apoio da Cresol, o evento terá palestras, debates, minicursos e atividades sobre cooperativismo e comercialização com foco para na agricultura familiar.



Boletim Conjuntural Semana 43/2026 – 22 de outubro de 2026

SOJA

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

No período de janeiro a setembro de 2026, o Paraná exportou 12,79 milhões de toneladas do complexo soja. Esse volume é ligeiramente superior ao registrado no mesmo período de 2025, representando uma alta de 3% no volume físico. Por outro lado, o valor financeiro cresceu de forma mais expressiva, com alta de 13% no período, totalizando uma receita de US\$ 5,76 bilhões.

A soja em grão é o principal item exportado, respondendo por 71% do total. Em seguida, aparecem o farelo de soja, com participação de 24%, e o óleo de soja, com 5%.

A China mantém-se como o principal destino da soja paranaense, concentrando 58% das compras, enquanto o Irã ocupa a segunda posição, com pouco mais de 8% de participação. Nos nove primeiros meses de 2026, o Paraná exportou volumes relevantes para 24 países.

No cenário nacional, as exportações do complexo soja somaram 121,58 milhões de toneladas no período, um aumento de 8% em relação ao mesmo intervalo do ano

anterior. O valor financeiro atingiu US\$ 52,17 bilhões, registrando alta de 17%.

Já a situação da safra paranaense teve uma mudança nesta semana, observou-se uma redução significativa no ritmo de plantio, essencialmente pelo excesso de chuvas ocorrido na última semana. Foram plantados até esta semana 47% da área prevista, enquanto, em média, nas últimas três safras este percentual superava os 55%. O tempo melhorou a partir do dia 17 de outubro e permaneceu sem precipitações relevantes durante o final de semana e início desta semana, com isso os trabalhos de campo foram retomados e provavelmente o próximo relatório da semana que vem já traga uma normalização do plantio.

CAFÉ

Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho

O preço médio recebido pelos produtores de café paranaense deve registrar uma retração em outubro em relação a setembro. Segundo o Deral, na última semana, a saca de café beneficiado foi comercializada a R\$ 1.380,51, valor 10% abaixo dos R\$ 1.533,37 praticados em setembro e similar aos preços de junho e



Boletim Conjuntural Semana 43/2026 – 22 de outubro de 2026

julho, período que marca o auge da safra. Considerando a grande produção nacional obtida, o preço atual ainda é visto como positivo para os produtores; no entanto, já não suscita o entusiasmo verificado quando a saca superava R\$ 2.000,00 ao longo de 2025.

Por outro lado, a queda nos preços continua ajudando a indústria a formar estoques com custo mais baixo e, conseqüentemente, ofertar preços mais acessíveis no mercado varejista. O pacote de 500g registrou média de R\$ 23,90, levemente inferior à verificada em setembro e 19% mais baixa do que os R\$ 29,42 aferidos em outubro de 2025, conforme pesquisa de preços deste departamento.

Para a próxima safra paranaense, o El Niño vem se mostrando favorável, com chuvas regulares que ajudam no pegamento das primeiras floradas. Vale ressaltar, contudo, que o Paraná responde por apenas 1% da produção nacional, sendo os impactos do fenômeno climático na Região Sudeste os mais determinantes para o mercado nacional e mesmo internacional.

BOVINOS

Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva

Segundo a análise quinzenal do Cepea, a diferença entre os preços do boi gordo e da carcaça bovina no atacado diminuiu em outubro na praça pesquisada (São Paulo), diante da valorização mais intensa do animal para abate. A oferta restrita de bovinos prontos e as dificuldades dos frigoríficos para completar as escalas de abate sustentaram as cotações. No atacado, a demanda e o repasse dos custos da matéria-prima contribuíram para a elevação dos preços da carne.

Quanto às exportações, o Brasil embarcou 61,3 mil toneladas de carne bovina in natura nos primeiros sete dias úteis de outubro, com redução de quase 40% na média diária em relação ao mesmo mês de 2025. Em setembro, os embarques somaram 223,6 mil toneladas, recuo de 1,4% frente a agosto. No acumulado de janeiro a setembro, as exportações totalizaram 2,37 milhões de toneladas, volume 1,3% inferior ao registrado no mesmo período do ano anterior.



FRANGOS

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

Conforme apontado pela pesquisa da SEAB/DERAL, o preço nominal médio do frango vivo ao produtor no Paraná alcançou R\$ 4,75 por quilo em setembro de 2026. Esse valor representou uma sutil alta de 0,4% (ou mais R\$ 0,02/kg) em relação a agosto do mesmo ano, quando cotava a R\$ 4,73/kg, mas registrou queda de 4,4% (menos R\$ 0,22/kg) em comparação com setembro de 2025, cujo valor médio foi de R\$ 4,97/kg. Na comparação com o início do ano, o preço atual sinaliza um avanço de 2,8% em relação a janeiro de 2026 (R\$ 4,62/kg), embora permaneça 3,5% menor que o preço médio estadual praticado ao longo de todo o ano de 2025, que fechou em R\$ 4,92/kg.

Paralelamente, o comportamento dos principais insumos utilizados na alimentação das aves tem pressionado a margem do avicultor. Segundo informações da SEAB/DERAL, o preço do milho no atacado paranaense em setembro de 2026 atingiu R\$ 66,43 por saca de 60 kg, o que representa uma alta de 2,9% em relação ao mês anterior (R\$ 64,56/sc) e uma elevação de

8,7% sobre o valor praticado no mesmo período do ano passado (R\$ 61,13/sc), aproximando-se da média nominal de 2025, que fechou em R\$ 66,30 por saca. Já o farelo de soja, outro insumo crucial para a nutrição avícola, atingiu em setembro o valor de R\$ 2.171,40 por tonelada — patamar 10,0% superior ao preço médio estadual de agosto (R\$ 1.973,53/t) e expressivos 27,5% maior que o registrado em setembro de 2025 (R\$ 1.703,03/t), ficando bem acima da média de 2025, que foi de R\$ 1.841,73 por tonelada.

Ao analisar a relação de troca insumo-produto entre o frango vivo e seus principais insumos nutricionais, observa-se um cenário desfavorável ao produtor em setembro de 2026. Foram necessários 233 quilos de frango para adquirir uma tonelada equivalente de milho, enquanto no mesmo mês de 2025 eram necessários 205 quilos - o que representa um aumento de 13,7% no volume exigido da proteína. Em relação ao farelo de soja, a perda de poder de compra do avicultor foi ainda mais acentuada: a relação saltou de 343 quilos de frango por tonelada de farelo em 2025 para 457 quilos em 2026, demandando um volume 33,2% maior de frango para a mesma quantidade do insumo proteico.



Boletim Conjuntural Semana 43/2026 – 22 de outubro de 2026

Ao observar a dinâmica da cadeia de comercialização no estado em setembro do ano corrente frente a janeiro, constata-se que, enquanto o preço do frango vivo subiu 2,8% na granja, os cortes sofreram retração no atacado (frango resfriado: -0,5%; peito: -7,8%; coxa-sobrecoxa: -4,9%). No varejo, o frango resfriado avançou 1,4%, ao passo que os cortes registraram baixas (peito com osso: -9,4%; coxa-sobrecoxa: -11,4%).

Na comparação anual com setembro de 2025, a retração atinge quase toda a cadeia: o frango vivo recuou 4,4% na granja e, no atacado, caíram o frango resfriado (-1,8%), o peito (-8,1%) e a coxa-sobrecoxa (-4,3%). No varejo, embora o frango resfriado tenha subido 1,4%, os demais cortes sofreram quedas expressivas, com o peito caindo 8,9% e a coxa-sobrecoxa recuando 10,3%.

Esses preços menores em relação ao ano anterior decorrem principalmente da ampliação na oferta do produto.

Dados da Pesquisa Trimestral de Abates de Animais do IBGE, divulgados em 15 de setembro, apontam que o abate nacional de frangos de corte atingiu 3,395 bilhões de cabeças no primeiro semestre de 2026, com alta de 3,2% sobre o mesmo período de 2025 (3,288 bilhões de aves). Em

volume, a produção acumulada de janeiro a junho somou 7,473 milhões de toneladas de carne de frango, valor 6,0% superior aos 7,051 milhões de toneladas do primeiro semestre do ano passado.

Essa maior disponibilidade interna, combinada com a concorrência entre as proteínas animais e a limitação do poder de compra dos consumidores diante do elevado endividamento das famílias brasileiras, sustenta o movimento de retração nos preços praticados no mercado.

PERUS

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

De acordo com dados do Agrostat Brasil, vinculado ao Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA), as exportações brasileiras de carne de peru registraram um desempenho altamente positivo nos primeiros oito meses de 2026, impulsionadas pela forte valorização do produto no mercado internacional.

No acumulado de janeiro a agosto, os embarques somaram 45.816 toneladas, gerando um ingresso de divisas da ordem de US\$ 188,705 milhões. Em comparação com o mesmo período de 2025, quando fo-



Boletim Conjuntural Semana 43/2026 – 22 de outubro de 2026

ram exportadas 35.681 toneladas com receita de US\$ 103,350 milhões, o setor apresentou um crescimento de 28,4% em volume e um salto expressivo de 82,6% em faturamento.

Ao observar isoladamente o mês de agosto de 2026, as empresas brasileiras exportaram 6.367 toneladas de carne de peru, volume 25,5% inferior ao registrado no mesmo mês de 2025 (8.549 toneladas). Contudo, a receita cambial acompanhou a tendência de alta dos preços internacionais e atingiu US\$ 30,736 milhões, o que representa uma expansão de 42,4% em relação aos US\$ 21,583 milhões obtidos em agosto do ano anterior.

No âmbito estadual, o desempenho acumulado de janeiro a agosto reflete a liderança da região Sul. O Rio Grande do Sul assumiu a primeira colocação entre os maiores exportadores e produtores, somando 19.000 toneladas e US\$ 72,263 milhões em faturamento, o que representa avanços de 92% em volume e de 202,2% em receita cambial na comparação anual. Na segunda posição, Santa Catarina registrou 16.732 toneladas e US\$ 71,384 milhões, apresentando altas de 4,2% em volume e 41,3% em divisas.

O Paraná, terceiro colocado, exportou 9.314 toneladas e faturou US\$ 44,341 milhões, superando o resultado de 2025 (9.130 toneladas e US\$ 28,180 milhões) com crescimentos de 2% em volume e 53,3% em receita.

Quando analisado apenas o mês de agosto, o Rio Grande do Sul voltou a se destacar com fortes altas de 167,8% em volume e 467,5% em receita, enquanto Santa Catarina recuou 34% em volume e 42,4% em faturamento.

O Paraná teve baixas mensais de 28,5% no volume (1.063 toneladas) e de 15,8% na receita (US\$ 5,421 milhões).

A composição do comércio externo revela que os produtos in natura continuam sendo o carro-chefe da pauta exportadora. Das 45.816 toneladas comercializadas nos oito meses de 2026, 95% corresponderam a essa categoria, gerando US\$ 177,893 milhões a partir de 43.563 toneladas. Trata-se de um aumento de 27,7% no volume in natura e de 81,82% na receita em relação ao mesmo período de 2025, quando foram embarcadas 34.120 toneladas pelo montante de US\$ 97,836 milhões.

Esse salto na receita é explicado pela expressiva valorização do produto: o



Boletim Conjuntural Semana 43/2026 – 22 de outubro de 2026

preço médio da carne de peru in natura alcançou US\$ 4.083,58 por tonelada entre janeiro e agosto de 2026, cifra 42,4% superior à média de US\$ 2.867,39 por tonelada registrada em igual período do ano anterior.

Entre os principais destinos da carne de peru brasileira nos primeiros oito meses do ano, o México liderou em volume ao adquirir 10.124 toneladas (US\$ 41,157 milhões), representando altas de 30,1% em volume e 18,2% em receita. Os Países Baixos ocuparam a segunda posição em volume (7.050 toneladas) e a primeira em receita (US\$ 50,252 milhões), impulsionados por avanços expressivos de 241,9% no volume e 461,8% no faturamento. Na sequência aparecem o Chile, com 5.607 toneladas e US\$ 36,715 milhões (+78% em volume e +356,5% em receita); a África do Sul, com 5.324 toneladas e US\$ 10,563 milhões (+117,3% em volume e +134,2% em receita); e o Peru, que importou 3.810 toneladas gerando US\$ 9,836 milhões (+77,6% em volume e +137,4% em receita). Completam a lista dos dez maiores compradores Gana (2.043 t e US\$ 4,184 milhões), Benin (1.541 t e US\$ 3,285 milhões), Guiné Equatorial (1.524 t e US\$ 3,766 milhões), Gabão (999 t e US\$ 2,333 milhões) e Bahamas (907 t e US\$ 2,064 milhões).

Toda essa estrutura produtiva e de exportação no Brasil está concentrada em duas grandes corporações industriais: a MBRF Global Foods Company, fruto da fusão entre Marfrig e BRF S.A., com unidades de operação localizadas no Paraná; e a JBS, que mantém parque produtivo e instalações nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com destaque para a unidade de Caxias do Sul.